

### Rotas de criação e transformação.

Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro

© FOIRN & ISA

**Organização:** Geraldo Andreello

**Edição de fotos:** Beto Ricardo

**Pesquisa e tratamento de imagens:** Claudio Tavares

**Mapas (geral e do capítulo 1):** Renata A. Alves (Laboratório de Geoprocessamento do ISA)

**Projeto gráfico e capa:** Sylvia Monteiro

**Editoração e produção gráfica:** Signorini Produção Gráfica

**Revisão técnica:** Aline Scolfaro

**Impressão e acabamento:** Ipsis

**Tiragem:** dois mil exemplares

Este livro inclui iniciativas transfronteiras de cooperação com organizações colombianas: Acaiipi, Aatizot,

Gaia Amazonas



Apoio



### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rotas de criação e transformação : narrativas de origem dos povos indígenas do Rio Negro / organização Geraldo Andreello. -- São Paulo : Instituto Socioambiental ; São Gabriel da Cachoeira, AM : FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012.

Bibliografia.

1. Antropologia 2. Etnologia 3. Índios da América do Sul - Amazônia - Alto Rio Negro - Arqueologia 4. Índios da América do Sul - Amazônia - Alto Rio Negro - História 5. Povos indígenas - Amazônia - Alto Rio Negro I. Andreello, Geraldo.

12-10104

CDD-306.0899811

Índices para catálogo sistemático:

1. Alto Rio Negro : Amazônia : História indígena : Antropologia : Sociologia 306.0899811  
2. Alto Rio Negro : Amazônia : Indigenismo : Antropologia : Sociologia 306.0899811

**CONHECIMENTOS INDÍGENAS**  
**PESQUISA INTERCULTURAL**

# ROTAS DE CRIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

**Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro**

ORGANIZAÇÃO GERALDO ANDRELLO

AGOSTO DE 2012



# EXPERIÊNCIAS, EVENTOS E LUGARES NO MUNDO BANIWA

## PESQUISA-AÇÃO NO MÉDIO IÇANA, ALTO RIO NEGRO<sup>1</sup>

Luiza Garnelo, UNINILTONLINS e FIOCRUZ  
Laise Diniz, PPGAS/UFAM e ISA  
Sully Sampaio, FIOCRUZ

Apresentaremos aqui três experiências – sendo duas concluídas e uma em curso – que congregam, simultaneamente, investigação científica, participação feminina na etnopolítica do alto rio Negro, estímulo às vocações para a pesquisa, apoio à revitalização cultural e ao ensino diferenciado em escolas indígenas de ensino fundamental e na formação dos agentes indígenas de saúde da etnia Baniwa.

As três experiências se interconectam com a temática dos lugares por demarcarem a produção e ocupação de espaços transicionais que unem a tradição ancestral dos donos de cânticos (*malikai iminali*) com as proposições inovadoras das escolas e do associativismo indígena, promovendo a dinâmica cultural que é característica dos povos rionegrinos.

São ações que vêm sendo desenvolvidas em parceria com lideranças, escolas e comunidades da etnia Baniwa. Optamos por tratar das três, por entendermos que a primeira delas, o projeto Mitoteca na escola Baniwa teve um papel matricial na conformação das atividades subsequentes, propiciando o acúmulo de experiência com projetos multidisciplinares e multifacetados que congregam investigação e atuação comunitária, com vistas à formação e qualificação de jovens do médio Içana em processos de escolarização, formação profissional e ação política na valorização das culturas indígenas.

### EXPERIÊNCIA 1: CULTURA, ESCOLA, TRADIÇÃO: MITOTECA NA ESCOLA BANIWA

Instituições Realizadoras: Universidade Federal do Amazonas, Escola Indígena Baniwa/Coripaco Pamáali, Centro de Pesquisa Leônidas & Maria Deanne/ Fiocruz

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do *Projeto Saúde e Condições de Vida de Povos Indígenas na Amazônia* (PRONEX - Edital 003/2009, Proc. 653/2009 – FAPEAM).

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam)  
Pesquisadores: Luiza Garnelo (Ufam/Fiocruz), Gabriel Albuquerque (Ufam), Sully Sampaio (Fiocruz), Trinho Paiva (EIBC/ Pamáali), Daniel Silva (EIBC/ Pamáali), João Silva (EIBC/ Pamáali), Valêncio Macedo (EIBC/ Pamáali), Tiago Pacheco (EIBC/ Pamáali), Raimundo Silva (EIBC/ Pamáali), Gielson Paiva (EIBC/ Pamáali), Hermógenes Faria (EIBC/ Pamáali),

Assessorias: Laíse Diniz (ISA), Renata Eiko (ISA), Raimunda Silva (Ufam).

Período e local de realização: São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2004/2005

Narradores: Marcelino Cândido Lino, Walipere dakenai da comunidade de Tamanduá, que é um *malikai iminali*, ou seja, um benzedor, que desenvolve atividades ligadas à cura, promoção à saúde e aos rituais de passagem. Alberto Lourenço também é benzedor, é membro do sib Awadzooro, residente na aldeia de Jandu cachoeira, um local de grande importância na geografia mítica baniwa. Valentim Paiva, membro da fratria Dzawinai, residente em Juivitera – outro local de grande importância na geografia mítica baniwa – que surge em muitos mitos como local de grande poder mágico, particularmente do tipo xamânico. Mário Braga é um benzedor Hohode-ne que reside no Içana, mais especificamente em Pupunha rupitá. Lúcio Paiva é um jovem Dzawinai, residente na aldeia de Arapasso, que vem enfrentando a difícil missão de suceder o pai no domínio das narrativas tradicionais. Fernando José é Walipere dakenai, originário de Tucumã rupitá e atualmente residindo em São Gabriel da Cachoeira. Gabriel Silva é Walipere dakenai, oriundo de Tucumã rupitá, atualmente residente em S. Gabriel da Cachoeira. Ressalte-se que dos sete narradores quatro deles tinham netos como alunos bolsistas do projeto.

A experiência do projeto Mitoteca na Escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali<sup>2</sup> foi desenvolvida no trecho médio do rio Içana, no município de São Gabriel da Cachoeira, no âmbito de um programa da Fapeam denominado Jovem Cientista Indígena que visava estimular a vocação pela pesquisa em jovens escolares do ensino fundamental. O termo mitoteca é relativo à intenção do projeto em gerar um acervo de narrativas míticas a serem disponibilizadas nas escolas de ensino fundamental, as

<sup>2</sup> A Escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali, desde 1999 desenvolve a experiência de educação escolar indígena, sendo que os eixos de formação estão fundamentados na investigação da realidade e elaboração de estudos sobre questões que atualmente afetam a vida na comunidade, na garantia à gestão territorial e no desenvolvimento de atividades que promovam a sustentabilidade indígena na região do Içana. Para mais informações acesse: [pamaali.wordpress.com](http://pamaali.wordpress.com)

quais, formando, paulatinamente, uma biblioteca de mitos, poderiam favorecer o contato das crianças com essa produção cultural.

Os principais objetivos do projeto foram: Incentivar processos de revitalização de saberes tradicionais, a partir da escola indígena; estimular o desenvolvimento de pesquisa científica pelos alunos e professores,

apoando o surgimento de novos talentos entre os discentes da escola EIBC – Pamáali; coletar informações sobre a mitologia baniwa no que se refere aos recursos alimentares oriundos dos ambientes aquáticos e ao mapeamento de espaços demarcadores da reprodução simbólica e material das comunidades e grupos de parentesco.

A escolha da temática dos peixes decorreu de uma demanda da diretoria da OIBI e de professores da escola Pamáali que, com o apoio do Instituto Socioambiental, desenvolve a piscicultura naquela região, bus-

cando apoiar a sustentabilidade alimentar dos povos indígenas do alto rio Negro. Essa atividade demandava uma gama de procedimentos zootécnicos necessários ao sucesso da reprodução de peixes em cativeiro e as lideranças indígenas perceberam a necessidade de ampliar o escopo do projeto de piscicultura para abranger também certas dimensões dos conhecimentos tradicionais sobre o assunto, permitindo consorciar o aprendizado de tecnologias não-indígenas com a valorização dos conhecimentos tradicionais.

As atividades de pesquisa compreenderam o registro oral e escrito da mitologia baniwa sobre criação e transformação dos ambientes aquáticos e dos animais que os povoam, hábitos e estratégias reprodutivas dos peixes, armadilhas de pesca e um conjunto de saberes práticos que regulam as formas tradicionais de acesso e utilização desses recursos alimentares. Paralelamente realizou-se uma série de reuniões com as comunidades para sensibilizar a população local para a importância do trabalho e para capacitar os participantes indígenas nos fundamentos da pesquisa científica e registro, em áudio e escrito, dos conhecimentos tradicionais investigados no projeto. A decisão de fazer reprodução das narrativas em áudio e disponibilizá-las para as escolas e membros da equipe

visava ampliar o acesso ao conteúdo das narrativas em si, bem como aos modos tradicionais de narrar, superando os limites das versões escritas, incapazes de expressar a riqueza de enunciação dos mitos. A convivência estabelecida entre os membros da equipe propiciou uma rica colaboração intercultural e despertou um grande entusiasmo, parte a parte, com o aprendizado gerado em cada fase do trabalho.

Dado que um dos principais objetivos do projeto era incentivar a revitalização dos saberes tradicionais ligados aos recursos alimentares pesqueiros conhecidos pelos Baniwa, ou seja, era uma atividade dirigida prioritariamente aos membros desse grupo étnico, particularmente aos mais jovens, priorizou-se a apresentação dos resultados do trabalho em língua indígena, favorecendo a apreensão dos conteúdos da mitoteca pelos falantes do idioma baniwa. O conjunto de produtos gerados no projeto Mitoteca na Escola Baniwa compreendeu CD – DVD contendo fotos de diversas fases do projeto, as gravações de depoimentos dos participantes sobre a experiência e de 58 relatos míticos feitos pelos sete narradores indígenas que concordaram em gravar as narrativas. Outro produto foi um livreto contendo a versão escrita, em baniwa e em português, dos mitos gravados. A narração dos relatos míticos foi ilustrada com fotos das diversas fases e atividades do projeto e com desenhos feitos pelos bolsistas indígenas. Após a consolidação do material os produtos do projeto foram distribuídos nas escolas de ensino fundamental do médio Içana, visando subsidiar o processo ensino-aprendizagem nesses espaços. O material de áudio foi distribuído sob a forma de CD-DVD e fitas cassete, visando viabilizar sua escuta nos diversos tipos de mídia potencialmente existentes nas escolas e contribuir para o processo de educação escolar diferenciada que se desenvolve naquela região.

Cabe assinalar que os narradores, cientes de que a transmissão desses saberes segue a lógica do parentesco, deliberaram por selecionar um conjunto de narrativas que pudessem ser disponibilizadas para o domínio público, inclusive aqueles que não tivessem uma relação de proximidade familiar com os narradores. A opção por relativizar o modo habitual de regulação do ensino de saberes tradicionais deu-se pelo entendimento dos sábios indígenas de que, no momento atual de sua história, os problemas gerados pela divulgação desses saberes entre não-parentes seriam menores que aqueles decorrentes do não aprendizado da tradição pelas gerações mais jovens do próprio grupo, como vem ocorrendo com grande frequência. Assim, tiveram a cautela de gravar versões expurgadas de trechos mais esotéricos que são destinados exclusivamente aos ouvidos de iniciados nas práticas de xamanismo ou dos benzimentos tradicionais. O conteúdo das gravações obtidas e disponibilizadas pelo projeto pode ser considerado uma versão mais mundana dos mitos, considerada adequa-

da à exposição pública para qualquer tipo de plateia. Dada a participação de narradores de diversos sibs e fratrias observamos que algumas vezes o mesmo mito contava com narrativas alternativas. Nessas circunstâncias optamos por preservar as gravações das diversas versões frâtricas de relatos míticos para expressar a riqueza dessas manifestações culturais.

O conjunto das narrativas levantadas no âmbito do projeto gerou um mapeamento dos espaços sagrados ligados aos ambientes aquáticos, trazendo informações sobre a origem dos cursos d'água e sobre as disputas travadas entre as grandes serpentes, ancestrais dos peixes, e os ancestrais dos humanos pelo controle desses lugares, bem como sua ocupação e distribuição para a humanidade. A geografia mítica contida nas narrativas também propiciou meios para o entendimento da distribuição dos territórios, com seus respectivos mananciais pesqueiros, entre os grupos de parentesco baniwa e as influências das singularidades desses ambientes nos modos comuns de vida.

Passados sete anos após o encerramento das atividades do projeto Mitoteca, pode-se dizer, retrospectivamente, que o interesse por seus produtos se mantém vivo, não apenas para os falantes de baniwa, mas também para falantes de língua portuguesa. A primeira edição dos CD-DVD se esgotou rapidamente, sendo objeto de uma re-edição, igualmente financiada pela Fapeam e distribuída também nas comunidades e para outras instituições escolares e acadêmicas que se interessaram pelo tema. Ao longo desse período o material coletado permaneceu como objeto do interesse de alunos e professores indígenas, incentivando e abrindo caminho para outras parcerias entre as escolas indígenas baniwa e o programa Jovem Cientista Amazônica (JCA), o qual redundou numa linha específica de financiamento da Fapeam, o subprograma denominado Jovem Cientista Indígena. Nos anos subsequentes diversos projetos em linhas similares continuaram sendo elaborados e contemplados com financiamento em editais do JCA, nas escolas da região. Na escola Pamaáli vários jovens desenvolveram seus trabalhos de conclusão de ensino fundamental com base na coleta de narrativas, alguns dos quais constam na versão atual de um livro que está sendo organizado com base no material da mitoteca.

Os dois professores-tutores do projeto foram admitidos na universidade em São Gabriel da Cachoeira. Um deles foi um bem sucedido aluno do programa de Iniciação Científica da Fapeam (Paici), sendo duas vezes premiado por suas pesquisas sobre alimentação tradicional indígena. Dos oito alunos-bolsistas do projeto, seis se tornaram professores de ensino fundamental e prosseguem estimulando e valorizando o ensino pela pesquisa, utilizando como uma das principais estratégias no seu fazer pedagógico. Em suma, a análise da trajetória dos atores envolvidos

no processo mostra um cenário muito positivo, no qual, segundo entendemos, esse projeto representou um marco no desenvolvimento de relações produtivas e respeitadas, entre membros da academia e os de uma sociedade indígena.

Em termos metodológicos o projeto Mitoteca se desdobrou em duas outras experiências que relataremos a seguir.

## EXPERIÊNCIA 2: COMIDAS TRADICIONAIS INDÍGENAS E ASSOCIATIVISMO DE MULHERES DO ALTO RIO NEGRO

Este projeto representou um deslocamento espacial das ações desenvolvidas pela equipe, não somente porque redirecionou a pesquisa para o âmbito das relações domésticas, e particularmente para o mundo feminino, mas também para o ambiente urbano de São Gabriel da Cachoeira dado que a maioria das atividades foi ali desenvolvida, gerando produtos e estratégias bem distintas daquelas obtidas na interação efetivada nas aldeias.

Suas atividades foram viabilizadas mediante uma parceria entre a Fiocruz Amazônia e o departamento de mulheres indígenas da FOIRN, associações de mulheres indígenas (ASSAI e AAPIRN) residentes em São Gabriel da Cachoeira e Associação Indígena da Bacia do Içana (OIBI). Nessa atividade manteve-se o interesse pela temática da alimentação, mas tomando como foco o universo feminino e, particularmente, as estratégias e práticas voltadas para o preparo dos alimentos tradicionais.

Essa atividade, desenvolvida no período compreendido entre 2006-2008, levou-nos a repensar os modos de pesquisar e de atuar em conjunto com parcerias indígenas, particularmente devido às singularidades do trabalho desenvolvido em cidades. Em atividades desenvolvidas nas aldeias é possível fazer observação participante *full time*, dispor de momentos específicos para gravar as narrativas míticas (tanto em situações rotineiras na comunidade, quanto gravações específicas para a produção dos materiais para o projeto), além de retornar posteriormente para corrigir o material traduzido e investigar novos sentidos sobre os dados. Na cidade a vida das mulheres não possibilitava a manutenção dessa dinâmica. Muitas delas trabalhavam fora do espaço doméstico e, nessas circunstâncias, era impossível utilizar a técnica da observação participante. Tentamos direcionar o trabalho a partir das atividades das associações



de mulheres, mas estas atuavam na produção de peças de artesanato e reuniam suas consorciadas mais nos fins de tarde, ou nos domingos pela manhã, o que dificultava o trabalho com as comidas.

Por outro lado, percebemos que a temática da mito-cosmologia que sustenta a tradição alimentar indígena no alto rio Negro, a qual tinha sido objeto de preocupação da equipe nas atividades até então desenvolvidas, era algo referente ao mundo masculino, não sendo adequada ao desenvolvimento de uma atividade voltada para o universo feminino. Além disso, a origem multiétnica das participantes da experiência (entre elas tínhamos pessoas de origem baré, piratapuaia, baniwa, desana, tariano, baniwa e outras) também dificultava a sistematização de informações dessa natureza, dada a diversidade entre as produções culturais de cada etnia.

Um caminho de ação prática parecia representar a estratégia mais promissora; assim, surgiram as oficinas de comida. Inicialmente a ideia parecia de difícil execução, porque a reunião das mulheres em determinado local para efetuar o registro da culinária indígena não parecia algo factível de promover a revitalização cultural das práticas alimentares e nem de estimular a atuação política das entidades femininas. Mas, rapidamente a magia da comensalidade transformou o trabalho em festa e a ação político-cultural em algo produtivo. Inicialmente tímidas, as participantes rapidamente se entusiasmaram e começaram a buscar suas parentas mais velhas, reputadas como boas cozinheiras ou “donas das comidas” conforme elas foram denominadas nas oficinas de comida.

Logo o projeto reuniu pelo menos 3 gerações de mulheres fazendo comidas há muito relegadas ao plano da memória das que viviam em contexto urbano. Conforme descobrimos, todas lamentavam a falta das comidas indígenas, abandonadas na cidade devido aos altos preços da caça, da pesca e dos outros ingredientes necessários para a elaboração dos pratos tradicionais. Mostravam-se igualmente preocupadas com a criação de seus filhos e netos mediante o consumo quase exclusivo de comidas industrializadas; nestas práticas alimentares reconheciam riscos para a saúde e para a valorização de suas identidades étnicas, embora não pudessem realmente optar pelos alimentos tradicionais em seu dia a dia.

Com a continuidade das oficinas de culinária, realizadas nas dependências da loja de artesanato Wariró onde diversas líderes femininas atuavam, passamos a fazer um registro detalhado da produção das comidas, efetuando uma descrição minuciosa dos ingredientes e das fases de elaboração de cada tipo de alimento, atentando inclusive para as diferentes versões de cada prato, que podiam variar de acordo com a etnia da cozinheira.

Dado que cozinhar é algo indissociável do servir a comida para alguém, as mulheres começaram a chamar os homens de sua parentela

para comerem conosco. Rapidamente a notícia se espalhou e as lideranças das organizações indígenas, tanto aquelas fixadas em São Gabriel da Cachoeira, quanto os que visitavam a cidade, passaram a frequentar as oficinas para degustar as comidas tradicionais. Alguns passaram a encomendar certas comidas que comiam em anos passados, quando viviam na aldeia, e que atualmente não eram mais conhecidas por suas esposas e filhas. Assim, as oficinas de cozinha tornaram-se também espaços de comensalidade e de rememoração atualizante das práticas alimentares de cada etnia.

Por outro lado, a convivência com as associações de mulheres permitiu perceber as singularidades do associativismo feminino, focado na resolução de problemas cotidianos de suas associadas e empreendendo lutas bastante distintas – ainda que complementares e articuladas – daquelas protagonizadas pelas entidades dirigidas pelos homens.

Também foram desenvolvidas algumas atividades desse projeto nas aldeias baniwa e ali, elas tomaram um caráter distinto dos eventos ocorridos no espaço urbano. Na área baniwa a ênfase dada pelos participantes indígenas foi menos na dimensão política e mais na dimensão da festa e do prazer da degustação de comidas conhecidas, mas atualmente pouco comuns no cardápio das famílias. Segundo os depoimentos dos participantes das oficinas de comida, a redução na frequência de realização de alguns ritos que outrora envolviam diversas comunidades, os quais representavam ocasiões em que o cardápio cotidiano era enriquecido para o agrado dos convivas, gerou certo grau de restrição no leque dos alimentos consumidos cotidianamente. Dessa forma, as oficinas, que reuniram pessoas de várias aldeias, representaram um momento privilegiado para lembrar e desfrutar do sabor de comidas que, feitas para ocasiões especiais, permitiam uma variação no cardápio rotineiro e pontuavam o clima comemorativo da reunião de parentes, cunhados e amigos que vivem em locais distantes e têm poucas oportunidades de reunirem-se para partilhar do prazer da companhia mútua com boa comida.

Os produtos desse projeto foram tangíveis e intangíveis. Os mais concretos foram a produção de um livro de comidas indígenas e a feira de comidas tradicionais que passou a ocorrer em S. Gabriel aos domingos pela manhã. Esta permitiu às protagonistas da experiência vender ali seus produtos e garantir uma preciosa adição aos seus orçamentos domésticos. Menos tangíveis, mas nem por isso menos importantes, foram o orgulho e a alegria das mulheres com a valorização de seus saberes, materializada na única produção textual (o livro de comidas) feita por mulheres no alto rio Negro, num universo em que vários livros sobre as culturas rionegrinas já haviam sido produzidos pela FOIRN, mas tendo como base exclusiva os conhecimentos do gênero masculino.

O livro *Comidas Tradicionais Indígenas do Alto Rio Negro* é composto por uma primeira parte que expressa o trabalho realizado na cidade, trazendo várias receitas de comida, a trajetória de vida de algumas participantes e um capítulo dedicado ao associativismo feminino indígena no rio Negro. A segunda parte traz receitas de comidas baniwa e um capítulo sobre a etiqueta alimentar desse grupo, além de uma avaliação final do projeto pelas mulheres que dele participaram. Esse livro tornou-se um sucesso editorial, tendo esgotado rapidamente duas edições, além de muita repercussão em blogs da web. Várias mulheres indígenas foram convidadas a apresentar suas habilidades em feiras e reuniões de culinária em outras regiões do Brasil e permanecem envolvidas com a revitalização da culinária tradicional. Além dos exemplares disponibilizados para cada participante, parte da tiragem foi doada para Wariró, onde foi comercializada, sendo o produto da venda revertido para as atividades das mulheres. Atualmente a equipe permanece desenvolvendo atividades voltadas para a revitalização das práticas alimentares tradicionais entre os Baniwa, mas o escopo do projeto foi ampliado de modo a abranger tanto o domínio feminino quanto o masculino. Os detalhes dessa atividade serão relatados na Experiência 3.

### **EXPERIÊNCIA 3: CULTURA E ALIMENTAÇÃO ENTRE OS BANIWA DO ALTO RIO NEGRO: PESQUISA-AÇÃO PARA PROMOVER A SOBERANIA ALIMENTAR**

Este foi outro produto derivado, tanto em termos metodológicos quanto temático, das bases estabelecidas pelo projeto Mitoteca. Essa experiência, ainda em curso, vem sendo desenvolvida também no médio Içana em parceria com as escolas Pamaáli e Kalidzamai. A ficha técnica do projeto está disposta abaixo:

Instituições Realizadoras: Centro de Pesquisa Leônidas & Maria Deanne/Fiocruz, Escola Indígena Baniwa/Coripaco Pamaali, Escola Indígena Kalidzamai

Apoio: Museu do Índio/Unesco e Fiocruz

Pesquisadores: Luiza Garnelo (Fiocruz), Sully Sampaio (Fiocruz), Juvêncio Cardoso (Pamaáli), Getúlio Fontes (Kalidzamai), Raimundo Benjamin (Pamaáli), alunos da escola Pamaali e Kalidzamai, Agentes de Saúde do médio Içana, Laise Diniz (ISA), João Jackson Vianna (Ufam).

Narradores: Marcelino Cândido Lino (Walipere dakenai da comunidade Tamanduá), Alberto Lourenço (Awadzooro, da comunidade Jandu Cachoeira), Valentim Paiva (Dzawinai, da comunidade Juivitera), Mário Braga (Hohodene da comunidade Pupunha Rupita), Vicen-

te Brazão (Walipere dakenai da comunidade St. Rosa), Armando Fontes (Hohodene da comunidade St. Marta), Gilberto Farias (Dzawinai da comunidade Tapira ponta), Germano Brazão (Walipere dakenai da comunidade St. Rosa) e João Macedo (Walipere dakenai, comunidade de Urumutum Iago).

Período e local de realização: São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2009/2012

O projeto tem como objetivos: Estimular a revitalização, a preservação e recriação da cultura alimentar baniwa por meio de estratégias de ensino-aprendizado intergeracional e de gênero, documentação e divulgação dos conhecimentos, valores e práticas alimentares, em espaços intercomunais e interétnicos; Documentar e promover a divulgação da cultura alimentar baniwa, por meio da conjugação de estratégias tradicionais de ensino-aprendizado intergeracional e de novas tecnologias pedagógicas e de informática; Promover a revitalização do sistema alimentar baniwa, por meio do estímulo à preservação dos mitos, ritos e tecnologias associados às práticas alimentares, envolvendo a identificação, acesso e utilização de espaços que contêm fontes alimentares, bem como a produção, circulação e partilha de alimentos, técnicas de preparo e etiqueta alimentar, respeitando as especificidades de gênero que passam estas práticas; Assegurar a sustentabilidade da iniciativa por meio de capacitação de jovens indígenas para efetuar registros escritos, fotográficos, de áudio e eletrônicos das dimensões míticas, rituais e técnicas da cultura alimentar baniwa.

Essa experiência, atualmente em curso, tem promovido reuniões que congregam sábios indígenas, jovens escolares indígenas e comunitários de ambos os sexos, para efetuar um esforço de registro e sistematização da informação sobre os processos de territorialização subjacentes às estratégias de punção dos alimentos e à etiqueta alimentar que promove a comensalidade entre consanguíneos e cunhados. Busca-se um enfoque totalizante que congregue a pesquisa-ação sobre os ritos e técnicas de produção (masculinas e femininas), de circulação e consumo dos alimentos.

O componente de capacitação dos jovens prevê a realização de oficinas de confecção de flautas e de outros instrumentos utilizados na realização dos ritos alimentares, o aprendizado e a execução das músicas tocadas nessas ocasiões e a capacitação dos estudantes e professores para a pesquisa e registro em áudio das narrativas míticas correlatas ao tema e das músicas executadas nesses ritos. Parte dessas oficinas já foi realizada e prevê-se a realização de ritos alimentares (*Pudali*) nos próximos dois anos, congregando escolas e comunidades participantes.

No mundo baniwa os ritos de partilha comunal de alimentos (*Pudali*) demarcam tempos (tempo de verão e de fartura na disponibilidade de alimentos, de viagens e visitas a parentes e amigos que vivem em trechos mais distantes do território baniwa) e espaços (espaços de convivência entre as fratrias; dos acordos matrimoniais entre as famílias; de acesso sazonal a alimentos disponíveis apenas em locais controlados por outros grupos aliados). Sua realização, mediante o deslocamento das famílias para as festas de comida, bebida, música e danças, promove um reavivamento dos laços de aliança e de afinidade entre cunhados, reais ou potenciais, e do ensino/aprendizado intergeracional. O relativo abandono dessas práticas em décadas recentes tem provocado, no entender dos membros mais velhos do grupo, um empobrecimento da dieta e da oportunidade de convivência entre as famílias, razão pela qual consideraram bem vinda a iniciativa para estimular a retomada de tais festas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências aqui narradas refletem, por um lado, diversos modos de ocupação e de produção cultural dos lugares, miticamente demarcados ou simples espaços de vivência cotidiana, entre os membros da etnia Baniwa, chamando atenção para diversificadas estratégias de territorialização das quais o grupo lança mão para garantir a preservação da vida comunitária. Por outro lado elas expressam também as condições de atuação do antropólogo, as quais se alteraram drasticamente após a emergência do movimento indígena, na segunda metade dos anos 1980. Este redimensionamento está intimamente ligado ao reposicionamento das associações indígenas como sujeitos políticos, cuja atuação repercute local e globalmente, instituindo um novo modo de ação de pesquisadores e outros agentes institucionais que atuam junto aos grupos étnicos que vivem na América do Sul e, particularmente, no Brasil.

Neste cenário, como bem assinalou Bruce Albert em importante texto publicado no final dos anos 1990, os antropólogos são interrogados sobre as consequências de seu trabalho para as comunidades pesquisadas, sendo-lhes cobrado um comprometimento de longa duração com seus interlocutores indígenas e a assunção de compromissos éticos que atendem mais às premissas da ética indígena do que às da sociedade de origem do pesquisador. Com frequência é possível observar a mobilização de lideranças, em busca de “capturar” o trabalho antropológico, identificado como ferramenta para viabilizar certas iniciativas da política local. Tal situação expressa bem o protagonismo político exercido pelos líderes indígenas no alto rio Negro.

Nesse contexto, as ações aqui relatadas, refletem uma forma de atuação que se distingue das pesquisas antropológicas convencionais, ainda que sem perder a capacidade de geração de novos conhecimentos científicos sobre a região e de promover ações que valorizem as culturas locais. O grau de entrelaçamento entre as prioridades dos membros, indígenas e não indígenas, das equipes dos projetos tornou-se tão intrincado, que mal se pode distinguir entre as demandas e contribuições de cada pólo dessa relação, dado que as prioridades são mutuamente retroalimentadas; em vários momentos, os pesquisadores também se tornaram co-participantes do processo educativo de jovens indígenas envolvidos nas atividades dos projetos, muitos dos quais, ao longo do tempo, se tornaram lideranças do movimento indígena, professores e agentes de saúde, além de outros papéis sociais que lhes permitem exercer funções de destaque político em suas sociedades.

A atuação de longo curso na realidade rionegrina vem nos inserindo na história das comunidades, do mesmo modo em que elas se imiscuem em nossa história pessoal e na das instituições onde os projetos são sediados. Não raro, tais condições de atuação têm nos permitido transitar entre ambos os lados da fronteira das relações interétnicas, e ofertado alguns ângulos privilegiados de observação e de ação, mas propiciando, acima de tudo, interações humanas e afetivas com pessoas a quem aprendemos a admirar e a respeitar.

O processo como um todo pode ser entendido como um espaço favorecedor da reprodução social e da mudança histórica, ao lado da consolidação de uma “comunidade de argumentação” (Cardoso de Oliveira, 1998) que vem moldando a vida no alto rio Negro.

Por outro lado, a heterogeneidade e diferenciação das vidas indígenas tem exigido a ampliação dos campos de saberes profissionais que ali atuam, demandando a formação de equipes multiprofissionais compostas, para além dos antropólogos, por campos diversificados de conhecimento, como administração, saúde, agronomia, nutrição, pedagogia, e outras com inserção mais tangencial nas atividades ali desenvolvidas, a depender das demandas que emergem das comunidades e associações. Esse complexo mosaico de atuação gera novos desafios, seja na gestão das equipes, seja no âmbito da produção do conhecimento interdisciplinar necessário a atuação que perseguimos, na busca da melhoria das condições de vida dos grupos e comunidades parceiras.

## AUTORES<sup>1</sup>

### **Adeilson Lopes da Silva**

Mestre em ecologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), é membro da equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA) desde 2005. Como pesquisador do ISA, dedica-se, ao lado dos Baniwa, à construção de um caminho conceitual e metodológico apropriado para o inventário de paisagens, biodiversidade e o manejo ambiental nas Terras Indígenas do alto rio Negro.

### **Aloisio Cabalzar**

Mestre em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), é membro da equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA) desde 1996. Desenvolve pesquisas entre os Tuyuka e Tukano do rio Tiquié desde 1991. Tem colaborado e coordenado vários projetos sobre nutrição, diversidade de peixes, escolas indígenas, manejo sustentável e outros.

### **Ana Gita de Oliveira**

Doutora em antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), integra a equipe do Departamento de Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 2002. É coautora do dossiê para o registro da Cachoeira Iauaretê, rio Uaupés, alto rio Negro, como patrimônio imaterial.

### **André Martini**

Mestre em antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Membro da equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA) entre 2008 e 2011. Antes de sua morte prematura em 2011, aos 31 anos de idade, coordenava a fase preparatória do projeto de mapeamento do Sistema de Lugares Sagrados na fronteira Brasil-Colômbia, com apoio do Ministério da Cultura do Brasil e contrapartes colombianas.

### **Caco Xavier**

Doutorando e mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), atua na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na área de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Desenvolve pesquisas entre os Baniwa e Coripaco do rio Içana sobre comunicação não verbal, artes gráficas e conversão religiosa.

### **Deise Lucy Oliveira Montardo**

Mestre em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e doutora em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), é professora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Entre os Guarani do sul do Brasil, desenvolveu pesquisas so-

bre música e xamanismo. Vem colaborando com os Baniwa do alto rio Negro desde 2006, no âmbito do projeto "Podáali: valorização da música Baniwa" e a Maloca Casa do Conhecimento", apoiado pela iniciativa Petrobrás Cultural.

### **Eduardo Neves**

Doutor em arqueologia pela Universidade de Indiana, Estados Unidos, é professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Iniciou suas pesquisas no alto rio Uaupés em 1990, e depois no baixo rio Negro a partir de 1995. Coordena uma equipe de pesquisadores caboclos e acadêmicos em um estudo arqueológico próximo à foz do rio Negro, no município de Iranduba.

### **Ernesto Ávila**

Etnia Makuna, líder da Asociación de Autoridades Tradicionales Indígenas del río Pirá Paraná (Acaipi), Amazônia colombiana.

### **Geraldo Andrello**

Doutor em antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Como membro da equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA) até 2008, atuou como assessor da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), colaborando em inúmeros projetos socioambientais e culturais, com apoio de órgãos de governo e agências internacionais.

### **Guillermo Rodríguez**

Etnia ~Eboa ~Basa, representante legal da Asociación de Autoridades Tradicionales Indígenas del río Pirá Paraná (Acaipi), Amazônia colombiana

### **Laise Lopes Diniz**

Pedagoga e mestre em antropologia social pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), é assessora da equipe do Içana do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA) desde 2002. Participou diretamente do processo de implantação da Escola Baniwa e Coripaco Pamáali, região do médio rio Içana.

### **Luis Cayón**

Graduado em antropologia pela Universidad de Los Andes, Bogotá - Colômbia, é doutor em antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Desenvolveu extensas pesquisas sobre cosmologia, xamanismo e relações natureza-sociedade entre os Makuna do rio Pira-Paraná, Colômbia. Atualmente, é bolsista Prodoc/Capes no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

### **Luiza Garnelo**

Médica sanitária e doutora em antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Atua no alto rio Negro há mais de 20 anos, desenvolvendo

<sup>1</sup> A produção bibliográfica dos autores encontra-se em boa parte indicada na bibliografia geral deste livro.



pesquisas e atividades de assessoria em saúde indígena, junto a órgãos governamentais e associações indígenas da região.

**Moisés Luiz da Silva**

Etnia Baniwa, é presidente da Associação Cultural Casa de Conhecimento, criada por seu pai, o mestre Luis Laureano, na comunidade de Itacoatiara-mirim, Zona Comunitária Indígena da cidade São Gabriel da Cachoeira, alto rio Negro. Vem se especializando como diretor e produtor de documentários etnográficos.

**Nelson Ortiz**

Biólogo, assessor da Fundación Gaia Amazonas, Colômbia. Atua junto às comunidades indígenas do rio Pira-Paraná, em particular no desenvolvimento de estratégias interculturais para a gestão sustentável de recursos naturais e ordenamento territorial. Vem colaborando intensamente nos processos de implementação de uma governança ambiental por parte das Asociaciones de Autoridades Tradicionales Indigenas (AATIs) e na consolidação de seus direitos constitucionais na Colômbia.

**Pedro Loli**

Doutor em antropologia pela Universidade de São Paulo (USP), é atualmente professor-substituto na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Tem realizado pesquisas desde 2006 entre os Yuhup, povo de língua Nadahup, situado

na porção sul da bacia do rio Tiquié, privilegiando temas como práticas e saberes rituais e xamanismo.

**Poani Higino Pimentel Tenório**

Liderança Tuyuka do alto rio Tiquié, estudou com os salesianos em Pari-Cachoeira (rio Tiquié) e São Gabriel da Cachoeira, formando-se depois como professor indígena. Viveu em outras regiões do alto rio Negro, no Brasil e na Colômbia, retornando depois para seu povoado, onde conduziu a criação da Escola Indígena Tuyuka. Atualmente assessora a formação de outras escolas indígenas e é professor do magistério indígena em São Gabriel da Cachoeira

**Raoni Valle**

Doutor em arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Desde 2005 desenvolve pesquisas nos estados do Amazonas e de Roraima (sul), onde vem realizando levantamento fotográfico dos sítios de gravuras rupestres na bacia do rio Negro e a análise gráfica desses vestígios. Desenvolveu através do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) um trabalho experimental de capacitação em arqueologia para professores indígenas da etnia Mura no baixo rio Madeira.

**Renata Alves**

Ecóloga, formada pela Unesp de Rio Claro, é desde 2002 membro da equipe do Laboratório de Geoprocessamento do Instituto Socioambiental (ISA). É responsável pela

base georreferenciada, processamento e interpretação de imagens de satélites e confecção de mapas do Programa rio Negro

**Roberto Marin**

Etnia Barasana, líder y filosofo tradicional, ligado à Asociación de Autoridades Tradicionales Indígenas del río Pirá Paraná (Acaipi), Amazônia colombiana

**Stephen Hugh-Jones**

Doutor em antropologia pela Universidade de Cambridge (UK), é professor e fellow do King's College nessa mesma instituição. É autor de um livro clássico sobre iniciação e cosmologia entre os povos tukano orientais do Uaupés (*The Palm and the Pleiades*, Cambridge University Press, 1979), baseado em extensa pesquisa de campo realizada ao

final da década de 1960 entre os Barasana do Pira-Paraná, Colômbia. Desde então, continua visitando a região com frequência, e escrevendo sobre temas variados, como arquitetura, organização social, ritual, xamanismo e livros indígenas, entre outros.

**Sully Sampaio**

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam). Desenvolve atividades junto ao Instituto de Pesquisa Leônidas e Maria Deane - Fiocruz/Amazônia, desde 2006, nas áreas de saúde indígena, educação em saúde, formação de agentes indígenas de saúde e movimentos etnopolíticos no rio Negro.